

Aracy A. Amaral

BLAISE CENDRARS
NO BRASIL
E OS MODERNISTAS

Edição revista e ampliada



editora ■ 34

BLAISE CENDRARS NO BRASIL
E OS MODERNISTAS

<i>Prefácio à 2ª edição</i>	9
1. Cendrars e a descoberta do Brasil	15
2. Cendrars e o Brasil — antes de 1924	21
3. A chegada	29
4. O artigo-saudação de Mário de Andrade	37
5. A conferência sobre literatura	43
6. São Paulo e o carnaval no Rio	51
7. A viagem a Minas	57
8. Blaise em São Paulo	89
9. Cendrars e os modernistas — e Blaise em Oswald	93
10. Paulo Prado e Blaise Cendrars	105
11. Falando de arte: a conferência-exposição	115
12. “Un film 100% brésilien” e a Revolução de 24	127
13. <i>Feuilles de route</i> — 1. <i>Le Formose</i>	133
14. O Balé projetado: 1925	143
15. Poemas de Blaise Cendrars — feitos no Brasil sobre o Brasil (1926)	147
16. Cendrars por Yan de Almeida Prado	163
17. O Brasil na obra de Cendrars	173
<i>Quatro textos sobre Cendrars por João Alves das Neves</i>	
i. “Cendrars e a Utopialândia”	182
ii. “Cendrars e o Brasil”	186
iii. “Cendrars e o Café”	191
iv. “Cendrars e A Selva”	196
<i>Tentativa de bibliografia sobre Cendrars e o Brasil</i>	201
<i>Pequena bibliografia da obra “brasileira” de Cendrars</i>	205
<i>Agradecimentos</i>	207

PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO

Mais de vinte anos se passaram desde a publicação da primeira edição deste livro, pela Livraria Martins Editora, fruto de uma pesquisa paralela à que realizamos sobre o movimento modernista em São Paulo. Nesse meio tempo, sucedeu algo previsível que à época não sabíamos que pudesse ocorrer com tanto impacto: a consagração de Blaise Cendrars nos meios editoriais, literários, universitários tanto da França como dos Estados Unidos. Uma Blaise Cendrars International Society foi fundada por Monique Chefedor em 1978, nos Estados Unidos (Association Blaise Cendrars, na França), reunindo estudiosos e especialistas em sua obra, com boletins regulares sendo publicados. Na França também Claude Leroy fundaria o ETC — Etudes et Travaux sur Cendrars, assim como em Berna — afinal Cendrars era suíço por nascimento — foi fundado em 1985, na Biblioteca Nacional suíça nessa capital, o Centre d'Etudes Blaise Cendrars. Novas edições de seus livros tiveram lugar, assim como as *Obras Completas*, preparadas por Nino Frank (1969-71), trabalhos foram traduzidos para outros idiomas, simpósios foram realizados em diversos centros universitários sobre sua contribuição. E, finalmente, sua filha Miriam Cendrars escreveria uma alentada biografia de seu pai, publicada em 1984, com segunda edição em 1993.

Nesse afã de pesquisas sobre Cendrars, descobre-se, num de seus textos, que ele desejara que suas cinzas fossem atiradas, após sua morte, ao largo de... Recife, Brasil! Por sua vez, a Associação Blaise Cendrars da França organizou uma viagem de sonho com interessados, pelo Transiberiano, a reeditar o mesmo percurso aventuroso feito pelo poeta há mais de setenta anos, inspirando o poema que teria depois o mesmo título. A essa altura, admiradores jovens como Joel Keravec chegam a planejar, à maneira delirante de Cendrars, uma maravilhosa travessia utópica da França para o Brasil, em navio com pesquisadores e estudiosos em literatura para essa cerimônia de cinzas ao mar. Sonha-se com um colóquio a bordo sobre Cendrars no Brasil que ele tanto amou e desfrutou à sua maneira, estimulado por sua fantasia de europeu, pela liberdade desbragada de ser aqui existente.

No Brasil pela primeira vez em 1994, sua filha Miriam Cendrars faz uma espécie de peregrinação pelos locais viajados por Cendrars sobretudo nos anos 20: conhece a fazenda Santo Antônio de Araras, de dona Olívia Guedes Penteadó, visita a fazenda Morro Azul, de Luiz Bueno, conhece descendentes de amigos de Cendrars, como Alexandre Thiollier, Anésia e Jayme Silva Telles, eu mesma, assim como os atuais donos da fazenda Morro Azul, viaja a Minas, faz uma emocionada palestra na Alliance Française à entrada da Cidade Universitária em São Paulo. Nessa ocasião foi inaugurada uma exposição documental sobre Blaise Cendrars no Brasil, por nós preparada especialmente para sua visita, com fotos, muitas delas inéditas anexadas a esta nova edição deste livro, na Pinacoteca do Estado, com a colaboração de Paulo Malta Campos e Patricia De Filippi e, em especial graças a Emanuel Araújo, seu diretor. A mostra apresentou livros de Cendrars, assim como livros anotados pelo poeta, manuscritos que orgulhosamente mantemos em nossas bibliotecas — em particular no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e Biblioteca Municipal Mário de Andrade — e coleções particulares, e esperamos que aqui permaneçam.

Os projetos sobre “cinzas ao mar” ficam para um futuro adiado, porém surgiu nesse meio tempo, graças à pesquisadora suíça Anna Maibach, a correspondência de Cendrars e Paulo Prado, hoje de propriedade da Família Silva Prado. E, desejo acalentado tanto tempo por Sérgio Milliet, eis que agora começa a surgir o interesse em editar em português livros de Cendrars, quando o Brasil é tema que retorna infatigavelmente em seus textos de prosa poética após sua primeira viagem. Assim, este ano já veremos as traduções de *L’Or*, assim como de *Le lotissement du ciel* e *L’homme foudroyé*, pela Livraria Francisco Alves Editora, do Rio de Janeiro.

Significativamente, ou melhor, dentro do “clima” próprio a tudo que envolve a personalidade de Cendrars, a última crônica de Sérgio Milliet se intitulou “Blaise Cendrars”, tendo sido publicada em *O Estado de S. Paulo* na quinta-feira, 10 de novembro de 1966, em sua coluna de tantos anos, “De hoje, de sempre”. Nesse texto relembra passagens do contato com Cendrars no Brasil, e mesmo em Paris, onde pela última vez o encontra no Café Deux Magots “meses antes de sua morte”. Conta Sérgio Milliet: “Já não era mais o ‘melhor papo’ da cidade. Andava doente e atravessando uma crise de misticismo. Ainda assim falamos longamente do Brasil de que tinha imensa saudade e a que se referia com entusiasmo a seu amigo Fernand Léger”.

Sérgio Milliet, ainda nessa crônica, nos revela que em Genebra, indo a um médico, por casualidade o irmão de Cendrars, soube “que nosso poeta se convertera ao catolicismo”. A redação de *O Estado de S. Paulo* registra de forma extremamente discreta, sob a coluna da crônica de seu antigo colaborador: “Nota: Esta foi a última crônica escrita por Sérgio Milliet, que a entregou na redação de *O Estado* na terça-feira à tarde, horas antes de sua morte”.

Vivíamos o ano de 1966, quando iniciei minhas pesquisas sobre o modernismo brasileiro. Aos poucos, no levantamento sobre a obra de Tarsila, tornou-se para mim ponto pacífico a determinante importância da personalidade e obra de Blaise Cendrars seja no seu desenvolvimento, como artista e pintora, como no de Oswald de Andrade, enquanto poeta e romancista. O contato iniciado em Paris a 28 de maio de 1923, certamente por sugestão de Oswald de Andrade, selaria uma amizade intensa de seis anos entre ambos, assim como por mais longo tempo, apesar do distanciamento, entre Tarsila e o poeta suíço-francês.

É suficiente ler os textos de Oswald de Andrade até 1923, inclusive a conferência pronunciada em Paris nesse ano sobre o meio intelectual e artístico do Brasil, e mesmo ler seu primeiro romance *A trilogia do exílio I: Os condenados*, de 1922, para se ter uma ideia de seu salto após o contato íntimo com Cendrars e sua obra. A comparação, a modernização de estilo pode ser constatada na última versão de *Memórias sentimentais de João Miramar*, de 1924, ou com os poemas de *Pau-Brasil: cancionário de Oswald de Andrade*, editado, em 1925, em Paris, na mesma editora de Cendrars, Au Sans Pareil. Em particular no caso da poesia, a leitura de *Dix-neuf poèmes élastiques*, de Cendrars, publicado pela mesma editora em 1919, nos dá imediatamente a medida clara dessa aproximação.

Cendrars se encanta com a agilidade intelectual de Oswald de Andrade, com o fascínio da beleza suave de Tarsila. Apresenta-os imediatamente a artistas que seriam fundamentais para a formação “moderna” da artista brasileira. Assim, do ateliê de André Lhote, onde aprende a sintetizar sua linha, depurando-a de todo excesso descritivo, reduzindo-a ao mínimo, adivinhamos que é por meio de Cendrars que Tarsila passa a frequentar as aulas de Gleizes — Cendrars era ligado por relações de amizade com o casal Juliette Roche/Albert Gleizes, por alguns considerado como um cubista “conservador”. Com ele Tarsila faria suas incursões pelo cubismo, em estudos, desenhos

e pinturas, como *Natureza-Morta com Relógio*, 1923, na coleção Ernesto Wolff, São Paulo. Esses estudos tateando o cubismo dariam à pintora de Capivari a segurança para a afirmação que faria ao regressar, em entrevista a jornal do Rio de Janeiro, de que o artista moderno forçosamente deve passar pelo “serviço militar do cubismo”.

Depois de frequentar o ateliê de Gleizes, o contato amigo com Fernand Léger, tão próximo a Cendrars, e de quem Tarsila absorve o reducionismo que caracteriza, tanto do ponto de vista compositivo como cromático, seus estudos de nus desse ano de 1923, antecedendo *A Negra* e *Caipirinha*. Sem qualquer dúvida, é à influencia de Léger igualmente que devemos a inspiração formal para outras telas fundamentais dos anos 20 em sua obra (como as duas telas intituladas *São Paulo, E.F.C.B.*, a primeira versão de *Barra do Pirai*, todas de 1924, além de *A Gare*, do ano seguinte). A cor já é absolutamente “tarsiliana” a partir de fins de 1923, caracterizando a primeira fase do período “pau-brasil”. Cendrars, contudo, como bom europeu, se interessaria mais intensamente pelas pinturas menos construtivas, e mais saborosas enquanto temática e cor, como aquelas motivadas pelas viagens dos modernistas ao Rio de Janeiro e Minas Gerais com o poeta suíço-francês, a partir dos desenhos e esboços feitos por Tarsila.

Hoje, quando parece tomar alento um reconhecimento renovado por parte das novas gerações e do público em geral pela obra de Tarsila, que, ao lado de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, assume seu espaço merecido na etapa de modernização da imagem do Brasil do século XX, iniciada de maneira incisiva nos anos 20, tem um sentido particular o voltarmos para um visitante/viajante, apaixonado em sua originalidade, como Blaise Cendrars.

Neste quadro, um interesse inédito por Cendrars apenas se torna realidade agora em nosso país, a partir de um Colóquio Internacional na Universidade de São Paulo neste ano de 1997, sob os cuidados de Maria Teresa de Freitas. Emerge, simultaneamente, a possibilidade desta nova edição de minha primeira pesquisa sobre aspectos do modernismo no Brasil — com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e da Editora 34 — agora enriquecida com ilustrações recentemente obtidas em arquivos e andanças pelo interior, ao visitar fazendas percorridas por Cendrars.

Acredito que o preenchimento da lacuna destas informações venha se somar a textos e reedições realizadas com o objetivo de resgatar em definitivo dados sobre um personagem/poeta que está indele-

velmente ligado ao movimento modernista de São Paulo e a sua “re-descoberta” do Brasil. Olhar europeu e sensibilidade nativa, internacionalismo e nativismo conjugados, ou linhas paralelas de um único fenômeno, forma nova de ver o país, miscigenada como nosso povo.

Aracy A. Amaral
São Paulo, junho 1997